

REAÇÕES AO GIRO LINGÜÍSTICO: O “GIRO ONTOLÓGICO”, OU O RESGATE DO REAL INDEPENDENTE DA CONSCIÊNCIA E DA LINGUAGEM.

Silvio Sánchez Gamboa
Unicamp

O objetivo da minha participação neste debate é apresentar uma das reações ao denominado “giro lingüístico”. Essa reação vem das teorias do conhecimento que superando os conceitos originais do “mentalismo” (a representação dos objetos ou coisas na mente) reafirmam a necessidade de considerar a realidade (*ontos*) independente da consciência e da linguagem. O discurso e a linguagem deverão se referir a alguma realidade (objeto) ou referente empírico, construído social e historicamente, ou mesmo virtual, mas independente do sujeito, da sua percepção, da consciência e das palavras utilizadas para se referir a ele.

Na comunicação estou apontando três reações na perspectiva da “ontologia realista” que vem se destacando no contexto do debate: a denominada Escola de Budapeste (Luckács, Mészáros, Bhaskar), Escola de Prigogine e a Escola de Maturana.

O giro lingüístico - linguistic turn – (Saussure, Barthes, Derridá, Deleuze, White e LaCapra, Foucault) gerou uma série de polêmicas identificadas também como: “giros” ou “Viradas” tais como o “giro hermenêutico” (Gadamer) e o “giro pragmático” (Habermas).

A polêmica sobre os giros não se esgota no “giro pragmático” desenvolvido por Habermas. Segundo ele (*La ética del discurso y la cuestión de la verdad* (Buenos Aires: Paidós, 2006), tanto os giros lingüístico, como o hermenêutico pretendem superar a filosofia mentalista (o significado está na mente) propondo como alternativa a filosofia lingüística (o significado está na linguagem). Tanto o “giro lingüístico” como o “giro hermenêutico” focalizam a linguagem desde perspectivas opostas e utilizam meios distintos, *‘por um lado, os instrumentos da análise lógica (semântica formal) e por outro da semântica orientada ao conteúdo (holística)... mas, ignoram os aspectos pragmáticos do diálogo... locus da racionalidade comunicativa’* (2006, p. 70) e *‘tais enfoques estão compromissados, de um modo ou outro com a prioridade da semântica sobre a pragmática’* (p. 71). Habermas e Apel propõem uma “pragmática do significado”, entretanto, assumem como desafio, a questão da defesa do realismo (giro ontológico) depois do giro pragmático, já que *“...o giro pragmático não deixa espaço para duvidar da existência de um mundo, que se percebe independente das nossas descrições e como o mesmo para todos nós”*. (p. 74). *‘E dependendo das linguagens teóricas que escolhamos, obteremos diferentes descrições, as quais podem se referir, entretanto, as mesmas coisas. Em conseqüência, o mundo deveria se conceber como a totalidade dos objetos, não dos fatos, os quais dependem da linguagem. A este conceito semântico de mundo como um sistema de referências possíveis corresponde um conceito epistemológico de mundo como a totalidade das coações implícitas impostas sobre nossas diversas formas de conhecer o que sucede no mundo’* (p. 78).

Além do desafio assumido por Habermas e Apel, o giro ontológico também tem outras vertentes, tais como a da “Ontologia do ser social” de Lukács e defendido pela escola de Budapeste que prioriza o entender o mundo a explicá-lo ou compreendê-lo (*Introdução a uma estética marxista*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978). Segundo Lukács que defende a teoria do reflexo, afirma que tanto o reflexo, científico, estético ou literário, reflete a mesma realidade objetiva (ontológica), independente da consciência, situada na base de toda obra (literária, científica, filosófica ou estética) acentuando a unidade de identidade e a diversidade nas categorias tanto científica, filosóficas e estéticas. Mészáros (*Filosofia, ideologia e ciência social*), São Paulo: Ensaio, 1993), reafirma o

método dialético que considera a existência de uma realidade (ontológica) passível de ser conhecida através de diversas mediações determinadas pelo desenvolvimento das forças produtivas e as condições materiais históricas que os sujeitos sociais se apropriam para conhecer essa realidade.

A Escola de Budapeste se apóia na teoria do conhecimento marxista. Os trechos a seguir explicitam a prioridade das condições reais do homem concreto sobre as representações, a linguagem e a interpretação.

São os homens que produzem as suas representações, suas idéias, etc., mas, os homens reais atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem; (...) A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real... Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. (...) Não partimos do que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco não do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas, partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo real. (Marx & Engels. Ideologia Alemã, Lisboa: Avante, 1981, p. 19).

Com base nessa teoria do conhecimento, penso que seria mais apropriado denominar esse “giro ontológico” de “re-virada”, “inflexão ou reação ontológica”, uma vez que se pretende, segundo o próprio Marx, se referindo à filosofia idealista de Hegel, de colocar o homem com os pés na terra e a cabeça sobre um corpo fincado na realidade. Ou, de defender a tese de que “os homens pensam como vivem” e não o contrário, “os homens vivem, segundo seus pensamentos ou representações” (tese idealista). Isto é, os homens vivem, têm experiências concretas e a partir dessas condições concreta, eles criam seu imaginário.

Outra linha do “giro ontológico” é atribuída à escola de Prigogine que busca superar os relativismos fundados na concepção subjetiva de tempo como duração (matemática quântica de Borh) ou de tempo sem direção (Eistein). A inclusão do tempo como realidade cosmológica (ontológica), além das nossas medidas (subjetivas), e a integração do “devir” (tempo irreversível) ao “ser” caracteriza uma nova perspectiva da ciência contemporânea e recoloca a ontologia como base da epistemologia (Prigogine e Stengers, *Entre el tiempo y la eternidad*. Buenos Aires: Alianza, 1998). Também, Stengers, integrante da escola de Prigogine debate na *Invenção das ciências modernas* (A Invenção das ciências modernas. São Paulo: Ed 34, 2002) a tensão entre duas abordagens das ciências, a da objetividade científica das ciências exatas e das crenças científicas dos estudos culturais (pós-estruturalismo). A superação dessa tensão se dá através da “ontologia”. A identidade da ciência está em discutir o quê é a realidade, o quê é o mundo (ser ontológico). A base da ciência está no conhecimento dos fenômenos, como eles são, se apresentam e se revelam e não nas formas como o homem representa ou atua sobre o mundo. O conhecimento dos fenômenos (ciência) antecede a sua intervenção sobre eles (técnica).

Uma terceira linha do “giro ontológico” é atribuída a Maturana (*Ontologia da realidade*, Belo Horizonte: Ed UFMG, 1999) quando pretende provar através da neurobiologia os problemas da percepção e se depara com uma “objetividade-entre-parênteses” e com a necessidade de discutir: a ontologia da explicação como condição para a constituição da observação, a ontologia da realidade, a ontologia da cognição e a ontologia do social e da ética.

Como podemos perceber nessas três linhas de pensamento, O “giro linguístico” vem gerando amplas e profundas reações, não apenas no âmbito das filosofias da linguagem (hermenêutica de Gadamer e Pragmatismo dialógico de Habermas), mas, também no âmbito das teorias do conhecimento fundadas no realismo (ontologia), dentre elas, as apontadas nesta comunicação.